

FICÇÃO E FRUIÇÃO DE PAISAGENS DE OITOCENTOS:

ENTRE O PORTO E VILA REAL, POR EDWARD QUILLINAN

CARMEN MATOS ABREU*

Resumo: *O conjunto de Paisagens Patrimoniais circunscritas pelas margens e fronteiras do rio Douro, bem como todos os meandros antrópicos dos costumes e modos das gentes durienses durante a 2.ª invasão francesa no norte de Portugal, registam-se no romance *The Sisters of the Douro*, de Edward Quillinan. No palco narrativo entre o Porto e Vila Real, o texto está profundamente enriquecido por paisagens patrimoniais, urbanas ou campestres, oferecendo detalhes construtivos, topográficos, da flora ou fauna do percurso. Por imposição da estética romântica, assiste-se ao enredo amoroso de duas jovens portuguesas do Douro e dois oficiais ingleses, em que longas páginas das paisagens cultural e antrópica se aprofundam. Todo este conjunto histórico-patrimonial, onde a estética realista não se omite, deixa o registo de autenticidade, o que lhe permite ser considerado um documento histórico da geografia e património portugueses de Oitocentos, a partir do qual poderão ser recolhidos valores prospetivos a serem considerados.*

Palavras-chave: *paisagens patrimoniais; Edward Quillinan; processo antrópico; património português de Oitocentos.*

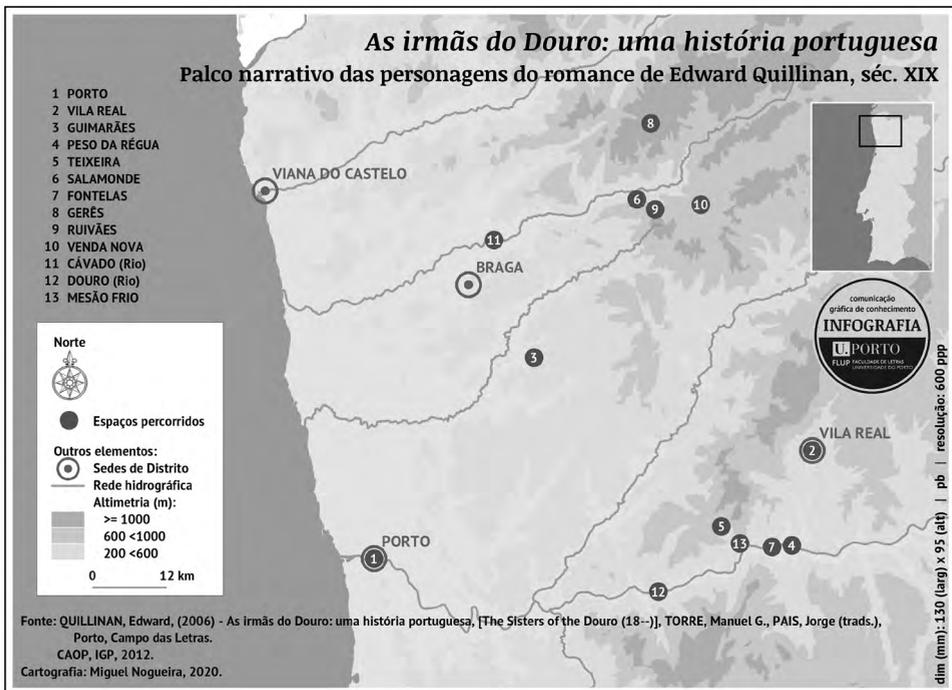
Abstract: *The Edward Quillinan's novel *The Sisters of the Douro* highlights a set of Heritage Landscapes confined by the banks of the Douro river, as well as all the anthropic process about customs and manners of the Douro inhabitants during the 2nd French invasion of northern Portugal. On the narrative stage between Porto and Vila Real, the text is deeply enriched by heritages of urban or country landscapes observed along the way, describing building and topographic details, including flora and fauna. Imposed by the romantic literary aesthetics, the reader also notices about a loving plot of two Portuguese young women from the Douro and two English officers, pages where deep and original cultural and anthropic perspectives are developed. This novel is generally considered a historic document of the Portuguese Patrimony of the nineteenth century. For this reason, and in accordance with the cultural and geographical framework provided by literary realism, it is acceptable that all those heritage values can be prospectively collected and considered.*

Keywords: *Heritage Landscapes; Edward Quillinan; anthropic process; Portuguese heritage of the nineteenth century.*

The Sisters of the Douro é um romance inglês que assoma a público em meados do séc. XIX, escrutinando as múltiplas tonalidades das naturezas geográfica, humana e cultural que povoavam o norte de Portugal, a par de registos patrimoniais com que as personagens se iam deparando ao longo de um percurso essencialmente estabelecido entre a cidade do Porto e a região duriense, ou, mais propriamente, Vila Real¹. Atentando na identidade do povo português, por vezes de feição comparatista com a do povo inglês, o texto dedica especial atenção aos modos, costumes

* CITCEM/FLUP, Portugal | G-ACERVOS, Univ. Fed. Bahia | CNPq, Brasil. Email: carmen.m.abreu@gmail.com.

e caracteres, focalizando-se embora numa família aristocrata residente no lugar da Teixeira, nas imediações de Mesão Frio. Preenchendo o horizonte de expectativas do público leitor da época romântica, e embora o fôlego descritivo dos objetos observados aponte para um gosto autoral cuja verosimilhança permite integrar o romance na estética realista, nesta ficção acentua-se, contudo, a vertente sentimental a partir da aproximação de duas irmãs portuguesas a dois militares ingleses, os oficiais Stanisforth e Wilmot. O enredo de *As irmãs do Douro*, também no parecer de Miguel de Alarcão, conjuga «a divulgação literária com o aproveitamento ficcional de uma situação histórica, sem esquecer a descrição paisagística e a relação de interação sociocultural entre estrangeiro e nativo»² – estratégias romanescas que se desenvolverão, e cuja cartografia dos locais percorridos pelas personagens³, que a seguir se poderá observar, certamente auxiliará ao quadro imaginário de leitura.



1 Como mera curiosidade e pelo contraste estabelecido com o romance em análise, relativamente aos percursos narrativos de Camilo Castelo Branco, Gaspar Martins Pereira escreve que «O Douro de Camilo não é uma paisagem nítida, descrita no pormenor das suas componentes naturais ou humanas. [...] A maior parte das vezes, o percurso seguido por de Camilo [sic] levou-o apressado de Vila Real para o Porto, [...]», pelo que «os instantâneos que captou e as sensações que teve nunca lhe deram para centrar o olhar, demoradamente, no cenário do Douro vinhateiro e nos seus dramas sociais e humanos», in PEREIRA, 2017: 11.

2 ALARCÃO, 1995: 111.

3 Uma nota do nosso devido agradecimento aos serviços de Infografia da FLUP, e mais exatamente à pessoa do seu responsável Dr. Miguel Nogueira, pela diligência e prontidão com que este mapa foi elaborado em fase já muito próxima desta edição.

Todavia, e antes disso, talvez fosse útil à compreensão deste ensaio referir-se, ainda que sumariamente, quem foi este escritor e porquê as suas motivações por Portugal. Edward Quillinan, nascido em 1791 na cidade do Porto, no seio de uma família irlandesa, e falecido em 1851 em Ambleside, Reino Unido, permaneceu em Portugal até aos sete anos, idade com que foi para Inglaterra estudar nas Roman Catholic Schools. Regressado a Portugal para tomar parte na firma comercial do pai, em 1807, porém, as invasões francesas obrigaram esta família a refugiar-se de novo, não na Irlanda, mas em Inglaterra. Genro do poeta romântico inglês William Wordsworth, com quem partilhava afinidades literárias, em 1845 Edward Quillinan retornou a Portugal. E neste romance não apenas se percebe o gosto e a ligação sentimental ao nosso país como o interesse pela literatura portuguesa – de notar que este escritor traduziu para inglês *Os Lusíadas* e a *História de Portugal* de Alexandre Herculano. Talvez a circunstância compulsiva de ir mudando de país lhe tenha estimulado a observação das paisagens, urbanas ou campestres, culturais ou antropológicas, afinal sempre consideradas nas suas relações antrópicas onde crenças e linguagens ou modos e costumes se incluem. E quando Eduardo Lourenço escreve que «Poucos países fabricaram acerca de si mesmos uma imagem tão idílica como Portugal»⁴, também será verdade afirmar-se que este romance, escrito pelo pensamento e caneta de um inglês, contribuiu para essa imagem do nosso país.

Passemos ao texto. No combate às invasões francesas no norte de Portugal, a presença dos referidos elementos do exército britânico na ajuda ao corpo militar português contra os franceses traz à memória um momento histórico do período de Oitocentos, quando a atmosfera de conflitos bélicos, em pontuais guerrilhas provocadas pelos invasores, foi geradora de uma onda de enorme insegurança, penalização e profundo desconforto social e político. Durante a incursão ao nosso país, refere o narrador, alguns soldados ingleses, «resmungando contra as desgraçadas estradas e o sol abrasador, outros gabando o bom vinho da região do Alto Douro»⁵, irão rumar do Porto até Vila Real. Ainda na cidade invicta, as referências narrativas ao seu património são várias. Relata-se, por exemplo, que um «oficial do séquito do marechal Soult»⁶, o Coronel Champlemonde, se dirige «do Palácio dos Carrancas, o alojamento do seu general [7], para o seu próprio, a Casa da Bandeirinha, perto do convento de freiras de Monchique. Ambos os edifícios se situam

4 LOURENÇO, 2009: 76.

5 QUILLINAN, (2006 [18--]): 36.

6 *Idem*, *ibidem*: 19.

7 «Na primeira metade do século XIX o Palácio dos Carrancas e os seus habituais moradores irão assistir e participar ativamente nos momentos históricos vividos durante esse período da Cidade do Porto». [...] No ano seguinte [1809] será a vez de um «hóspede» verdadeiramente notável, o general Soult invadir Portugal e escolher «para sua residência, o que era então considerado o melhor palacete da cidade [...] durante os quarenta e quatro dias que dura a ocupação» [...] «A retirada do Palácio dos Carrancas tomou um aspecto quase lendário dado o carácter teatral que se lhe atribuiu». *Vide: Os Carrancas e o seu Palácio*, 1984: 22-23, *passim*.

na parte alta da cidade e não muito longe um do outro»⁸, sendo que a localização do palácio dos Carrancas⁹ usufruía de um certo privilégio, pelo que,

[...] quando [o duque da Dalmácia] pensava que a aproximação do inglês era provável, ficava, de telescópio na mão, encostado ao balaústre de pedra que cercava a pequena casa que existe no Palácio dos Carrancas e desse posto altaneiro vigiava a barra e o mar, esperando a cada hora ver os navios de transporte ingleses¹⁰. (idem: 26).

Só que tal regalia tinha contrapartida, na medida em que

Enquanto o duque francês estava daquele modo de olhos postos no mar a partir daquela eminência de comando na margem direita do rio, outro olhar, tão agudo como o seu, estava mais bem direcionado a partir da margem esquerda. O comandante inglês [Wellesley], que ainda não era duque, observava com forte, mas controlado prazer o sucesso da sua ousada iniciativa do alto do mosteiro beneditino da Serra [11], um edifício que havia muito mais tarde de vir a ser, em ruínas, um nobre monumento ao valor português bem sucedido¹². (idem: 27).

Quanto à Casa da Bandeirinha, acrescenta-se mais adiante que «está rodeada em três dos lados por um muro alto, e havia sentinelas nos portões; além disso havia no pátio um anexo pequeno que tinha sido convertido em casa da guarda» (idem:20), imóvel da nobreza conhecido pelo palácio da Bandeirinha ou palácio das Sereias, e que em meados do séc. XX foi vendido à ordem italiana das Freiras Canossianas Missionárias.

Será interessante notar-se que embora as rivalidades relatadas tenham por base o fundamento político-social, nas descrições a que o leitor assiste os acometimentos de impiedade marcial não constituem o vórtice da problemática romanesca, pelo que a fiada de descrições, conforme se irá verificar, organizam uma moldura, por vezes de apurado pormenor, na qual a tela dos entusiasmos afetivos das personagens se incluiu. Tal ornato, amplamente entretecido pela auscultação atenta e reiterada, por parte dos oficiais ingleses, das ofertas da paisagem patrimo-

⁸ QUILLINAN, (2006 [18--]): 19.

⁹ A partir da «segunda década do século XVIII, na Rua de Cima do Muro à Porta Nova, vivia um agregado familiar de cristãos-novos, como muitos outros, dedicado ao pequeno comércio e à indústria caseira. Compunha-se de Francisco Gabriel [...], sua mulher Clara da Fonseca, e suas filhas Violante Maria e Mariana de Alvim», sendo que a última filha vem a casar com Luís de Almeida Moraes, continuadores dos negócios de família e futuros habitantes de «uma casa alugada no sítio do Carranca – já então assim designado – não muito longe dos terrenos onde se começara a construir o Hospital Novo, ao Carregal», atual Hospital de Santo António. *Os Carrancas e o seu Palácio*, 1984: 13-14, *passim*.

¹⁰ QUILLINAN, (2006 [18--]): 26.

¹¹ É nossa convicção que Edward Quillinan se estaria a referir ao «mosteiro agostino da Serra», atual Mosteira da Serra do Pilar. Acerca deste Mosteiro, remetemos para a revista MONUMENTOS n.º 9, setembro 1998, na qual se publicam vários e incontornáveis artigos das várias áreas do saber acerca deste monumento, permitindo-nos destacar o texto «A Fortaleza do Convento», do engenheiro militar Francisco Sousa Lobo, talvez aquele que melhor responda à curiosidade intelectual acerca da narrativa em contexto.

¹² QUILLINAN, (2006 [18--]): 27.

nial que ao longo do percurso se ia oferecendo, permitiu-lhes que sentissem «maior atracção pela beleza do extenso e estreito vale do que pela das suas mulheres, entre quem havia de facto poucas dignas de nota pelos seus encantos»¹³ – apesar de tudo, tal seria o encantamento motivado por uma paisagística que os deslumbrava.

Contracenando com múltiplos argumentos, em *As Irmãs do Douro: uma história portuguesa*, – título de tradução da obra original –, o leitor assiste então a projeções de descrição da topografia local portuguesa conforme os esquadrões britânicos iam progredindo no terreno durante as investidas defensivas, descrições analisadas e comentadas com alguma surpresa para o leitor que nunca perderá a noção de que o enfoque romanesco está contido na relação sentimental. Sabe-se que, iniciado o percurso rumo à zona duriense, o marechal Soult

*[...] assistia a sermões e procissões, beijava relíquias, prostrava-se devidamente nas ruas sempre que a campainha anunciava a passagem do Santíssimo Sacramento e chegava mesmo a ir a cavalo, seguido por todo o pessoal, com uma pompa de santidade digna de S. Luís na Síria, até à aldeia de Matosinhos no aniversário de S. Nicodemo. Aí chegado, desmontava junto do portão da área em que se ergue a igreja de Nossa Senhora das Bouças e fazia a romaria de joelhos à volta da igreja; depois, entrando, aproximava-se do altar e ajoelhava-se em edificante reverência perante a milagrosa imagem de madeira do nosso Salvador, esculpida por S. Nicodemo na Palestina e à saída da praia de Leça*¹⁴.

E assim se aclaram os modos, as crenças religiosas e o mito de uma tradição nortenha em torno do crucifixo de madeira¹⁵ aportado à então ainda praia de Leixões¹⁶, património imaterial ainda hoje celebrado na cidade de Matosinhos. Ao longo do texto, na progressão do exército inglês por entre veredas e recantos registam-se, com subtilidade, mas alguma acuidade, vários acidentes de terreno cavados pelos cursos de alguns rios e ribeiros, com menções, entre demais, ao rio da Venda Nova, ao rio Ruivães, ao rio Cávado, ao rio Teixeira e, esperadamente, ao rio Douro. A partir das margens destes cursos de água a narrativa vai estabelecendo sucessivas fronteiras entre o belo natural e o temor da violência marcial prometida, ou talvez adivinhada. Mas perceba-se como. O périplo efetuado atra-

¹³ *Idem, ibidem*: 36.

¹⁴ *Idem*: 23.

¹⁵ «Aquele que é porventura o mais famoso naufrago da região do Porto deu à costa, segunda [sic] a lenda, no dia 3 de Maio do ano de 124. Desde então não mais deixou de operar milagres e está na origem daquela que é, há já muitos séculos, uma das maiores romarias do país a do Bom Jesus de Matosinhos. Para lá da lenda encontramos-nos perante aquela que é provavelmente a mais antiga escultura, existente em Portugal, de um Cristo crucificado em tamanho natural», CLETO, 2015: 15.

¹⁶ Como é sabido, nos finais do século XIX esta praia de Leixões deu lugar ao atual porto com o mesmo nome, investimento que, sendo embora atribuído ao fontismo, parece que «a sua construção já havia sido proposta nos princípios do séc. XVIII», pois «Foi no reinado de D. João V que se apresentou um projecto para aproveitamento das pedras de Leixões, consideradas já então muito favoráveis à construção de um porto artificial», in «Leixões e Pedras Rubras», s/d:409-410, *passim*.

vés de cidades, vilas e aldeias logo começa quando o narrador refere o trajeto apressado na perseguição do general Soult e seus milhares de soldados em direção à Galiza, exército que já se assumia em debanda, confrontando:

[...] um percurso difícilimo numa região agreste e desconhecida, com os britânicos a persegui-lo, com Silveira pela frente, com Wilson e outros chefes de entusiastas à sua direita, com o mar e a bandeira inglesa de cruz vermelha à sua esquerda, com guerrilhas em todas as direções, com camponeses hostis por detrás de cada parede e, pior do que tudo, com os seus próprios soldados descontentes¹⁷ (idem: 27).

Reparou-se, certamente, no vigor e clareza descritiva deste excerto, que logo de seguida se intensifica com a informação do quadro paisagístico de configuração panorâmica de ambas as margens do rio Cávado:

Onde quer que curve para a esquerda, os montes rochosos do lado oposto do rio, a margem direita do Cávado, ficam de perto em frente do viajante; se, pelo contrário, a estrada curvar para a direita, o viajante é saudado pelos montes mais ricos da margem esquerda ao lado da qual cavalga¹⁸.

E o texto distende-se neste teor ao longo de páginas e páginas que entremeam os vários episódios romanescos, quase parecendo desviar-se do objeto romanesco a que se propõe. Na impossibilidade de nesta abordagem podermos fazer um registo capazmente demonstrativo dessa digressão pelas paisagens patrimoniais que Edward Quillinan aponta generosamente, registre-se, entretanto, o momento da trajetória ficcional, a partir do Porto, das tropas francesas em direção ao norte, na qual cruzaram os montes «chamados Serra de Santa Catarina, até Guimarães»¹⁹ e «Salamonde, uma aldeia situada no cimo, embora em posição abrigada, da Serra de Vieira»²⁰; de seguida, «a estrada afunda-se tortuosamente em direção ao Cávado, que corre entre esta serra e a mais imponente e escarpada Serra do Gerês»²¹, e «...deixando o Cávado e voltando à direita, subindo pela margem esquerda do rio de Venda Nova, outro ribeiro afluente desse rio, o viajante atravessa a aldeia de Os Frades do Pinheiro (onde se ergue não um pinheiro, mas um único castanheiro de enorme perímetro)»²², até que finalmente chegam à zona de Montalegre, caracterizada pelos almocreves locais e de Chaves, «zona selvagem [...] pouco conhecida [...] que a minúcia e, talvez, o tédio desta descrição, podem, por essa razão, ser dispensados»²³.

¹⁷ QUILLINAN, (2006 [18--]); 27.

¹⁸ *Idem, ibidem*: 29-30.

¹⁹ *Idem*: 28.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*.

²² *Idem*: 30.

²³ *Idem*: 31.

Fiel ao carácter elucidativo, e até orientador, o narrador também se dedica, com reconhecido pormenor, ao registo da abundante fauna e flora encontrados em vales e montanhas, atravessadas, aqui e além, por estradas, caminhos e pequenos recantos que surpreendem o caminheiro. A citação seguinte será um dos múltiplos momentos descritivos que poderá reafirmar, e exemplificar, esta opinião. Chegados à aldeia de Salamonde, fica-se a saber que:

A estrada que tomou a partir deste lugar é a princípio parcialmente cortada através da pirraça que constitui as suas duas margens. Depois abre-se sobre um espaço de tom violeta devido à urze e verde devido ao azevinho e aos fetos (urzes arborescentes e fetos altos) e às estevas. Aqui a vista é aberta até alguma distância, a toda a volta, aqui e ali ravinas e barrancos íngremes e profundos – algumas dessas depressões estão cobertas de bosques de azevinho. [...] Assim o caminho desce tortuoso através de espaços bravios de urze alta e carvalho anão, indo em muitos lugares a pique, como se lavrados pelas torrentes²⁴.

Repetindo-se a tendência já referida, a partir deste excerto a narrativa ocupa-se, durante páginas e páginas, de informações acerca da flora e da fauna, possibilitando ao leitor interessado nessa matéria uma avaliação das espécies autóctones epocais, com vantagem para o conhecimento da diversidade biológica e ecossistémica. Mas passemos para outra citação, na qual sobressai e se confirma o esforço de precisão que Edward Quillinan confere às descrições narrativas. Continuando a informar o itinerário percorrido pelos franceses, o narrador refere que:

[...] na retirada atravessa a ponte [Ponte Nova], faz uma curva apertada para a esquerda, vai no sentido da corrente, pela margem direita, e, depois, pela estrada, deixando o rio, serpenteia para a direita pela margem esquerda do Cávado acima. Aqui a estrada é boa e plana, em saibro branco, podendo a sua largura variar entre 1,30m e 1,80m; atravessa um bosque de carvalhos e de velhos castanheiros e depois segue uma calçada e uma pequena ponte que atravessa um riacho de Inverno, seco no Verão²⁵.

Será curioso notar-se o pormenor informativo acerca da largura da estrada, detalhe que poderá espicaçar curiosidades no sentido da identificação do local, rigor que, verosimilhantermente atribuído ou não, será sempre uma estimulante oferta ao leitor. Observe-se, por outro lado, como a referida Ponte é descrita:

A Ponte Nova tem só um arco e é de pedra sólida; o arco não é de modo algum elevado, e não há nada no seu aspecto que explique o nome de Saltador [26]. Por isso

²⁴ *Idem*: 28

²⁵ *Idem*: 29-30.

²⁶ A esta informação, o tradutor acrescenta: «Na nota de rodapé n.º 8 do Capítulo I, o tradutor anota: Quillinan deve ter confundido o nome da ponte, efectivamente chamada Ponte Nova (informação gentil do Presidente da Junta de Freguesia de Ruivães) com o do “Rio Saltadouro. Localizado na Serra da Cabreira é um afluente da margem esquerda do Cávado. O troço mais interessante inicia-se próximo de Ruivães e termina na albufeira da barragem de Salamonde».

*não é de admirar que alguns historiadores da Guerra Peninsular tenham cometido um erro ao transferirem esse nome para outra ponte, a Misarela, de que trataremos daqui a pouco*²⁷.

E o prometido acrescento narrativo acerca da ponte Misarela²⁸ não se faz esperar:

Subindo e descendo uma estrada às curvas, estreita e de mau piso que se contorce por entre massa de grandes rochedos, até chegar à altiva ponte da Misarela, onde um arco alto de facto salta ousadamente por sobre a água que ruga lá no fundo e bem podia, por isso, ser confundida com o Salteador. A força desta corrente de montanha, ou antes torrente, quando cheia, é testemunhada pelos enormes pilares de granito através de que desgastou e abriu furos e cavidades e entre os quais, mesmo no Verão, ela espuma e ruga com raivosa impaciência. O panorama, para cima e para baixo, e para todos os lados, da ponte da Misarela, é rochoso e selvagem, mas não sem graça de carvalhos e sobreiros de folha permanente, que não tiram nada ao tom selvagem do cenário (idem: 30-31).

Também não admirará que Edward Quillinan defenda o gosto pelas viagens, de resto, atividade lúdica da época muito em voga nas camadas sociais bem estruturadas e intelectualmente interessadas. E nesse sentido torna-se mesmo curioso assistir-se a imagens ou comparações, mais vulgares ou mais elaboradas, que vão surgindo no decorrer da narrativa como incentivo às viagens e à exploração e aquisição de conhecimento, das quais se tiram alguns apontamentos: «Os homens que nunca saem do seu país são como barcos que nunca saem do estaleiro»²⁹; ou, «Os homens que desejam tornar-se ilustres devem deixar o seu país tal como os planetas deixam o seu berço no horizonte e, quando ascendem à região mais elevada, purificam os seus poderes ascendentes e duplicam a sua força de luz»³⁰; ou ainda, «Os homens que permanecem sempre nas suas terras não são mais do que as galinhas que não conhecem mais nada para além do poleiro da sua capoeira»³¹, rematando-se esta demonstração com o axioma «a vida é um livro de que quem nunca saiu do lugar onde nasceu leu apenas a primeira página»³². Sendo consabido que a Literatura de Viagens foi ganhando expressão a partir do

²⁷ *Idem*: 29.

²⁸ O Prof. Gomes da Torre (tradutor), acrescenta: «A ponte de Misarela, sobre o rio Rabagão, é da época medieval. Servia a estrada que acompanhava o vale do Cávado para Poente. O vigor do relevo chega a dar a impressão de ser frágil, mas trata-se de uma obra de excelente execução. Por aqui retirou o General Soult em 1809, num dos episódios das Invasões Francesas. A espetacularidade da sua implantação mereceu das populações vizinhas o epíteto de “Ponte do Inferno” ou “do Diabo”. O acesso é a pé, por um estradão, e demora cerca de 10 a 15 minutos, *Vide*: nota de rodapé n.º 10 Capítulo I de *As irmãs do Douro*.

²⁹ QUILLINAN, (2006 [18-]): 139.

³⁰ *Idem, ibidem*: 140.

³¹ *Idem*.

³² *Idem*.

período renascentista, crê-se que tenham mesmo sido os séculos XVIII e XIX o expoente desta atividade recreativa e intelectual, circunstância que foi facilitada pela acessibilidade de locomoção dos viajantes que, instigados por aqueles propósitos, percorriam espaços e os retratavam pela palavra escrita. Neste quadro de entusiasmo social e de tendência estético-literária, não poderá deixar de se concordar que *As irmãs do Douro* seja uma obra algo mascarada pela tendência do subgénero literário Literatura de Viagens, e exatamente pela perscrutação do palco romanesco que logo a partir do Capítulo I coincide, em grande parte, com as propostas e acidentes do terreno, da paisagem, também da história e cultura locais, numa moldura congregadora de paisagens patrimoniais de uma região nortenha do país. Contudo, será de ter em consideração que o já referido enfoque afetivo, mas também as múltiplas digressões narrativas que exploram e refletem os mais variados temas, são estratégias romanescas que caracterizam a estética romântica, as quais não permitirão poder-se considerar esta obra no referido enquadramento³³. Aliás, esta é também a opinião de Miguel Alarcão, quando refere que este romance «Não se trata de um relato ou diário de viagens, mas sim de uma narrativa inteiramente ficcional»³⁴.

Mas regressando-se aos itinerários do texto, entretanto é o já referido Wilmot quem chama a atenção de Stanisforth para as sinuosidades do rio Douro:

*[...] meio ensombrado por linhas de cerejeiras bravas, com videiras entrelaçadas a treparem por elas acima. Ora se divertia por entre grandes rochedos cinzentos, exposto à luz do sol; ora palavra num leito baixinho, fazendo ondinhas sobre os seixos sob uma protecção parcial dos vimeiros; ora, depois de se esconder entre os montes, emergia de sob um grupo de carvalhos, de amendoeiras, de oliveiras ou freixos; ora fazendo uma fantástica travessia por entre os prados de verde brilhante que desciam até às suas margens. Esses pequenos prados, só aqui e além interrompidos por socalcos de vinha, eram extremamente refrescantes para a vista depois das intermináveis vinhas e muros escaldantes por entre os quais as tropas tinham vindo a marchar ao longo dos últimos dezanove ou vinte quilómetros, aliviadas apenas por ocasionais vislumbres do Douro e, de vez em quando, por uma brisa vinda da Serra do Marão*³⁵.

33 A coadjuvar aquela afirmação, repare-se que enquanto na Literatura de Viagens o narrador coincide com o escritor que assina a obra, já que toda a narrativa se desenvolve na primeira pessoa do singular, em *The Sisters of the Douro* Edward Quillinan distancia-se, delegando a responsabilidade num narrador extradiégético que acompanha os desenvolvimentos do enredo e dela vai tecendo relatos e demais informações para compreensão e esclarecimento do leitor.

34 No seguimento daquela citação, quando Miguel Alarcão acrescenta que o romance «integra um capítulo (o quinto) no qual são evocados numerosos autores portugueses, muitos dos quais certamente desconhecidos do grande público inglês, e respectivas obras. Por conseguinte, existe uma intenção didáctica subjacente que não deverá ser esquecida nem menosprezada», estamos inteiramente de acordo e também consideramos que a referida intenção didáctica alimentará ainda o interesse pela avaliação das atuais paisagens patrimoniais com as narrativamente representadas. ALARCÃO, 1986: 7.

35 QUILLINAN, (2006 [18--]): 37.

E à enumeração acrescentam «soutos de castanheiros», mais «pinheiros e carvalhos», «altas giestas brancas e amarelas», «urzes altas», «variadas plantas aromáticas e flores silvestres», mas também os «rebanhos de cabras e cabritos», os «líquenes e musgos dos rochedos» ou ainda os «rebanhos de ovelhas»³⁶, rematando-se a inventariação com uma breve referência, em discurso direto:

*– Tudo aqui – disse Wilmot – tem o ar de paz e de inocência sem medo. Certamente, Stanisforth, tens de admitir que isto é um pequeno vale arcádico*³⁷.

Retomemos o capítulo VII, dedicado à descrição de Fontelas. A beleza do percurso em direção a esta aldeia, atravessando Mesão Frio, poderá ser avalizada por outras opiniões bem mais recentes: «Na subida para Mesão Frio a vista não se cansa de beleza, que não há cansaço possível nas margens do Douro, por tão contínuas mutações de panorâmicas que dispensam e talvez aborçam adjetivos»³⁸. Entretanto, no romance, de notar como a descrição da localização desta aldeia procura ser o mais objetiva possível:

Fontelas é uma aldeia insignificante, na margem esquerda do rio Douro, na estrada que, lá no alto, liga Mesão Frio à Régua [³⁹]. *Trepa por uma das várias ravinas pitorescas que aqui e acolá intersectam a margem escarpada do rio. Na parte superior dessa ravina há algumas casas de quintas isoladas e foi na melhor de todas que Stanisforth se hospedou, numa margem muito agradável e abrigada, com vista para uma baixada muito bonita chamada «O Vale das Lavadeiras», a que chamaremos bastante poeticamente «O Vale das Ninfas de Água»*⁴⁰.

Leu-se, na citação, que Fontelas fica na margem esquerda do rio Douro; porém, na nota de rodapé n.º 2, do mesmo Capítulo VII, o tradutor acrescenta e corrige: «Aqui Quillinan comete um erro: Fontelas fica na margem direita do rio Douro». Esta nota atesta o cuidado tido pelo tradutor em se certificar da correção acerca das referências geográficas apontadas no romance, o que, à partida, avaliza o leitor acerca do realismo literário que o romance propõe, aspeto muito interessante no cotexto que nos ocupa. Perante os relatos que até este momento fomos tecendo acerca do esforço descritivo, não apenas da morfologia do terreno como

³⁶ *Idem, ibidem, passim.*

³⁷ *Idem.*

³⁸ GIL, 1984: 56.

³⁹ Toda a «região entre a Régua e Mesão Frio, entre a serra do Marão e as margens do Douro, foi considerada de importância durante as ocupações francesas. O general Loison, o famoso “Maneta”, fez várias incursões na Régua e em Mesão Frio, atacou povoações com especial violência [...]. O interesse por esta região residia na sua posição estratégica: era uma fácil passagem através do Marão, assim como era um bom ponto de acesso ao Douro, em caso de ser necessário atravessá-lo». BARRETO, 2014: 118. Na nota de rodapé n.º 2 do Capítulo II de *As irmãs do Douro* lê-se que: «Loison tinha perdido o braço esquerdo num acidente de caça, no princípio de 1806».

⁴⁰ QUILLINAN, (2006 [18-]): 111.

da fauna e flora que o habitam, numa inter-relação de complementaridade que na natureza se integra por via de todos os seus recursos, cremos que o escritor tenha talvez ainda pretendido justificar as relações e os estados de alma das personagens com o meio ambiente. Clarifique-se um pouco mais. Hospedado em Fontelas, na casa de Diogo Maria Manoel Balthazar Moniz Coelho, após o pequeno-almoço Stanisforth, investido de sentimentos afetivos, dirigiu-se ao Vale das Ninfas e, abrigado do sol sob um grande limoeiro, após se referir ao «verde profundo e luxuriante das suas folhas, [que] agradava ao olfacto com o perfume dos rebentos e das flores, [e que assim] oferecia prazer ao paladar com os cachos amarelos claros de frutos grandes e prometia esperança com outros frutos ainda pequenos e verdes»⁴¹, o narrador continua o relato do meio ambiente que envolvia a personagem, neste tom entusiástico e simultaneamente bucólico, vigilante e rigoroso:

Os pássaros cantavam e divertiam-se nas laranjeiras douradas e perfumadas, nas azeitonas pretas, entre os limoeiros carregados de frutos, nas figueiras de folhas grandes e frescas, entre os modestos sabugueiros, nos muros cobertos de heras, entre as videiras retorcidas, onde os grilos de asas grandes cantavam alegres canções. [...]

Muito perto do lugar onde o soldado inglês estava sentado, debaixo do limoeiro, com heras no chão e ervas-da-inveja aos pés, uma fonte borbulhante juntava uma sonolenta melodia de fundo ao coro dos pássaros, e havia, por baixo, uma pia de pedra para receber o seu tributo. Aí se dirigiam as jovens ninfas das casas vizinhas a buscar água em cântaros de barro vermelho de formas antiquadas que, depois de cheios até cima, carregavam à cabeça sem outro apoio, contudo iam tão equilibrados que nem uma gota se vertia, tão erecta é a atitude delas ao caminhar. Entre elas vinha Eulália, com a forma e o rosto mais belos de todas as jovens de olhos negros de Fontelas. O rosto era de uma perfeita beleza do sul, com a doçura, a inteligência e uma tão bela harmonia que, ao longo da vida, um rosto como este não é visto com muita frequência por um marinheiro viajado, um soldado aventureiro, um missionário perseverante ou por homens que visitam muitos climas⁴².

A explanação das belezas e do espaço, quase ecfástica, belezas também reconhecidas através dos efeitos cromáticos e sinestésicos do meio ambiente com que a personagem se vai deparando, nesta citação focalizadas no verde das folhas do limoeiro e nos cachos amarelos claros de frutos, mas também numa conjugação sensorial pelo prazer que assim se antecipava ao paladar, são sempre realçadas com a delicadeza e exaltação do relator, que não se escondem e que abundam, afinal, em quase todos os capítulos. Nestas inventariações, onde os usos e costumes locais se encontram detalhadamente inseridos no enquadramento do património cultural, o belo geográfico raras vezes não tarda a fazer a ponte para

⁴¹ *Idem, ibidem*: 113.

⁴² *Idem*: 113-114.

a beleza humana, no vórtice dos episódios romanescos assumida pelas duas jovens – Dona Francisca e Eleonora, as duas irmãs do Douro. E é precisamente nesta união de património(s), da imaterialidade dos sentimentos com a beleza humana e geográfica que o autor fia e entrelaça vários quadros de paisagens patrimoniais. Referindo-se ao discurso do narrador, Miguel Alarcão destaca-lhe a «atenção que devota ao pormenor pitoresco, às figuras populares, à paisagem circundante. Esta última inspira até diversas descrições poéticas, de extensão variável, que certamente não destoariam, se integradas num relato de viagens»⁴³, propostas que vão ao encontro das palavras já acima referidas de Eduardo Lourenço – a «imagem idílica» do nosso país.

Introduzido no enredo o enigma (romântico), pelo disfarce em mendigo do coronel francês Champlemonde a fim de aceder às deferências de Eulália através dos seus piedosos favores, quando finalmente foi desvendado o estratagema abalou-se fortemente a «visão romântica de amor e felicidade»⁴⁴ com que o oficial britânico Stanisforth se tinha entusiasmado, e os conflitos a que se assiste decorrem, essencialmente, deste estado de alvoroços emocionais e sentimentais, levando o coronel francês a proferir:

*A honra do exército francês está fortemente preocupada com a de uma donzela de Trás-os-Montes. A vossa moralidade inglesa é verdadeiramente engraçada, especialmente depois de ambos terem feito tudo ao seu alcance para me ultrapassar na conquista das boas-graças das raparigas mais belas desta província... Isso é pura caça furtiva na minha propriedade, pois eu já estava na posse do terreno da Teixeira antes de os senhores chegarem*⁴⁵.

Neste discurso despeitado e sofrido, dirigido aos oficiais ingleses Stanisforth e Wilmot, torna-se clara a luta pela posse das simpatias das irmãs da Teixeira, mas leia-se também do espaço telúrico da Teixeira, pela fortuna que tal lhe conferiria em termos de ascendência a domínios de inserção societal. A invasão do espaço virtual traçado por Champlemonde, coincidente com o espaço físico da habitação das duas irmãs do Douro, resultou no estilhaçar da área balizada por antecipação sentimental, repartição que a personagem assumiu por direito próprio, e não alienável. Só que a ironia e as vicissitudes do destino não foram favoráveis a qualquer uma das partes. Cumprindo-se a tradição romântica, a pedido de Champlemonde numa mensagem enviada a Stanisforth, os pretendentes marcaram um encontro: «Prometi-lhe que nos haveríamos de encontrar de novo. Estou aqui, no bosque na margem esquerda do rio acima da aldeia. Venha vingar-se ou deixar-me vingar»⁴⁶. Ergue-se a luta pela defesa, não da honra, não da propriedade

⁴³ ALARCÃO, 1986: 198.

⁴⁴ QUILLINAN, (2006 [18--]): 150.

⁴⁵ *Idem, ibidem*: 152.

⁴⁶ *Idem*: 174.

campestre, não do património nela instalado, mas de sentimentos ultrajados pela pertença de alguém que a ambos se recusou – sem consequência de violências, porém! Daí que no final do romance ambas as personagens se despeçam, entre abraços cordiais e trocas de lembranças, após uma serenata às duas irmãs do Douro cantada pelo francês Champlemonde e acompanhada por uma viola portuguesa, num harmonioso quadro de miscigenação de gentes, modos e costumes nacionais e ingleses em franca e exemplar convivência, talvez para pontualmente resgatar os tempos conturbados que o período histórico-político atravessava. Em acréscimo, será de mencionar que neste apaziguamento de sociabilizações se ergue, entretanto, outra barreira que demarca as personagens. A clivagem de profecias de fé verificada – entre as duas personagens portuguesas, femininas e católicas, e as duas inglesas, masculinas, um católico e o outro protestante –, gera mais um processo antrópico no enredo, que requer ação e resolução entre os componentes. Na casa de Fontelas, após Diogo Coelho ter desabafado, em relação aos oficiais, «que pena que não sejam cristãos!»⁴⁷, segundo o narrador «Stanisforth era um dos preferidos dentre eles, principalmente porque não era “um herege”, – circunstância que a família tinha apreciado um certo domingo na missa –, embora fosse necessário pedir dispensa ao Papa para poder casar com alguém da “verdadeira fé”»⁴⁸. Escrutinado de perto, «Stanisforth comportou-se com o máximo de propriedade ortodoxa, ajoelhando-se, erguendo-se e fazendo o sinal da cruz nos momentos certos, sem sequer olhar à sua volta, e demonstrando estar claramente bem informado sobre as cerimónias do serviço religioso»⁴⁹, em clara e societal atitude de aceitação das diferenças. Quanto a Wilmot, protestante, também neste desígnio, e do ponto de vista da aceitação das diferenças, o epílogo não desilude as ânsias do horizonte de expectativas do leitor pois fora dois anos mais tarde «que o tenente-coronel Wilmot e o capitão Stanisforth se casaram na Sé do Porto com as duas irmãs, sendo a cerimónia repetida pelo capelão inglês na capela protestante, no caso de Wilmot e da sua noiva»⁵⁰. Galgadas as fonteiras de integração de patrimónios religiosos distintos, anteviam-se, porventura, embargos nas fronteiras de património cultural: «Também se poderia questionar se seria provável que os hábitos e a educação das damas portuguesas, tão diferentes das das inglesas, fariam os maridos felizes. Em geral, este tipo de união é desarmonioso e termina em descontentamentos e arrependimentos mútuos»⁵¹, ficando-se a saber, logo de seguida, que afinal havia nas duas damas «uma aptidão para aprender e uma ductilidade de maneiras que rapidamente as adaptaram a novas paisagens e costumes»⁵², num evidente e antrópico esforço de supressão de dissemelhanças e pluralidades.

47 *Idem*: 66.

48 *Idem*: 157.

49 *Idem*: 167.

50 *Idem*: 186.

51 *Idem*.

52 *Idem*: 187.

Será interessante acrescentar-se que os traços de identidade em *As irmãs do Douro* se realçam ainda no património linguístico, dificuldades que se iam transpondo pelo esforço de uns e boa vontade de compreensão dos restantes. Entre o vernáculo nacional, o inglês e o francês, a comunicação entre as personagens ajusta-se vencendo orlas de inibição, em perfeita disposição de vontades e esforços de iniciação no sentido de transpor os «mistérios bárbaros da elocução lusitana»⁵³, ora rindo-se quando o outro se ria e dizendo «“está bom” a tudo»⁵⁴, ora socorrendo-se do “único”, de entre os seis ou sete oficiais [...] que fala português com alguma facilidade»⁵⁵, ora por entre um grito de felicidade exclamativa «*Vive la guerre, vive l’amour!*»⁵⁶, ou ainda por uma ordem direcionada «sob a sua *parole*»⁵⁷ por parte de quem não dominava a língua nacional, processo em que as vénias, sorrisos e «cumprimentos em português macarrónico»⁵⁸ se acrescentavam. Quanto ao coronel Champlemonde, este «falava português como um natural»⁵⁹, facilitando-se os objetivos de sã convivência, desta vez num micro espaço societal em terras durienses de Oitocentos.

Conforme se tem vindo a certificar através de alguns apontamentos narrativos, os modos e costumes nacionais estão também razoavelmente registados em *As irmãs do Douro*, o que se complementar algumas breves citações: «Após os habituais cumprimentos portugueses, que foram, como habitualmente, nada menos do que garantias de que ele [o padre Manuel], a sua casa e tudo o que esta continha estavam ao dispor do visitante»⁶⁰; ou quando, segundo outro tipo de manifestação, desta vez no final de um jantar em casa de Diogo Coelho, um convidado se despediu «dos dois ingleses da maneira portuguesa mais afectuosa, abraçando-os e beijando-os em ambas as faces»⁶¹, ou ainda pela presença da viola portuguesa que, aqui e além, se dedilhava. Mas não só. A abundância das refeições, particularizada na que o padre Manuel ofereceu ao inglês Horton, qualifica o *modus operandi* do património gastronómico do país e do anfitrião, chegando o convidado a referir «Nunca jantei melhor na minha vida, nem bebi melhor vinho, nem ceei de modo a ficar mais satisfeito»⁶². E tamanha foi a satisfação que, espontaneamente, sentenciar em rasgos de humor britânico: «o abade é um príncipe dos sacerdotes e devia ser patriarca de Lisboa com o meu consentimento»⁶³.

53 *Idem*: 41.

54 *Idem*: 60.

55 *Idem*: 14-15.

56 *Idem*: 151.

57 *Idem*: 154.

58 *Idem*: 36.

59 *Idem*: 21.

60 *Idem*: 28.

61 *Idem*: 142.

62 *Idem*: 59.

63 *Idem*.

O interesse de Edward Quillinan pelas paisagens, antropologia e cultura portuguesas é evidente neste romance. Em *mise en abîme*, o capítulo V é praticamente todo dedicado à literatura portuguesa⁶⁴, ilustrado com textos, ou excertos, de várias obras. Dentre Luís de Camões, Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Gil Vicente, António Ferreira, Rodrigues Lobo, João de Barros, Correia Garção, e tantos outros ilustres nomes do património literário lusitano, todos estes insignes desfilam nas páginas e são abordados com solidez e erudição, por vezes cotejados ainda com textos e nomes da tradição literária inglesa, tais como John Donne ou Samuel Taylor Coleridge. Curioso é verificar-se que toda a fiada de conhecimento literário, ilustrado com detalhes de relatos históricos, é transmitido por Francisca a Stanisforth. É ao feminino que o autor confia a verdadeira lição de vantagem intelectual, tendo sido objeto de grande admiração por parte do oficial ao exprimir a Francisca «admiro a sua familiaridade com assuntos tão afastados da via normal de investigação feminina»⁶⁵. E perante a conjugação de quadros do património intelectual com a superação de fronteiras geográficas acrescenta que, em Inglaterra, Francisca seria classificada de sábia. Recebido o elogio, a jovem portuguesa não evita o lamento quando Stanisforth informa que, em Inglaterra, «a nossa déspota e cega rainha [66], ordena às nossas mulheres que escondam o que sabem, depois de terem sido desenvolvidos esforços infinitos para as instruir»⁶⁷. Mas o irrompimento de balizas patrimoniais não se fica por aqui. Stanisforth declara, em rasgos de imparcialidade, que «as mulheres escocesas são nesse aspecto muito superiores às inglesas, pois não lhes ensinam tanto a «esconder a sua luz debaixo de uma rasa», de forma que são muitas vezes mais agradáveis em sociedade do que as suas vizinhas»⁶⁸, opinião que introduz mais uma nova modelação antrópica, extra nacional, contribuindo para uma perspetiva panorâmica mais alargada dos comportamentos humanos.

Para finalizar, observe-se que o enamoramento em torno das duas irmãs do Douro dá lugar a outras explorações, das quais não resistimos a deixar uma breve nota, desta vez com enfoque nos materiais construtivos aplicados na edificação e na sua relação com o uso, segundo os costumes:

*Havia dois pares de brilhantes olhos negros a espreitar por detrás de uma gelosia, uma daquelas engenhocas de origem mourisca para as janelas e portas, formada de pequenas ripas de madeira cruzadas umas com as outras em forma de xadrez, para que as pessoas que estão dentro possam observar o que se passa na rua sem serem vistas*⁶⁹.

⁶⁴ Miguel de Alarcão refere que este capítulo será «aquela que julgamos ser a primeira (e possivelmente única) apresentação do nosso património literário numa narrativa inglesa (ou anglo-portuguesa)», in ALARCÃO, 1995: 111.

⁶⁵ QUILLINAN, (2006 [18--]): 80.

⁶⁶ Referindo-se, naturalmente, à rainha Vitória, cujo reinado se iniciou em 1837.

⁶⁷ QUILLINAN, (2006 [18--]): 80.

⁶⁸ *Idem, ibidem*: 80-81.

⁶⁹ *Idem*: 48.

As irmãs do Douro é, sem dúvida, um romance polifacetado. Maioritariamente representado no ambiente da região duriense, entre rios, seus afluentes e ribeiros, contornam-se serras e sinuosidades de terreno, com penetrante destaque para a enumeração e observação, frequentemente comentada, da fauna e flora que as habitam, o romance oferece-se à possibilidade de ser considerado um curioso contributo para a história ambiental da região que lhe serve de palco narrativo, ou seja, entre o Porto e a Régua. Quando Gaspar Martins Pereira classifica o romance camiliano como um «primoroso tríptico literário: gente, rio e vinhos»⁷⁰, constituindo-se o Douro numa «paisagem social»⁷¹, reconhecer-se-á uma certa analogia com este romance quillinano. Num estilo perfeitamente digressivo entre o Porto e a Régua, o narrador de Edward Quillinan pinta fabulosos quadros das Paisagens Patrimoniais, em cujo cromatismo a identidade⁷², também a humana, se acentua nas suas mais variadas inclinações. Focalizando-se na observação, por vezes comentada, dos modos, costumes, rotinas e traços culturais, tantas vezes de feição comparatista com os da sociedade de pertença do seu autor, pulsa sempre neste texto o respeito, carinho e admiração pela sociedade portuguesa, numa franqueza de pensamento que tanto ensombra como aclama, tal como Gomes da Torre resume:

*É muito curioso ver como o Quillinan, que revela ser um bom conhecedor não só da geografia, mas também do carácter, dos costumes, das virtudes e dos defeitos daqueles dos nossos antepassados que se movimentavam e viviam na região do Douro e de Trás-os-Montes. Nem tudo o que diz é agradável, mas não deixa de ter interesse documental e é, inevitavelmente, muito curioso*⁷³.

E na consideração das óbvias limitações deste ensaio, acreditámos que o pouco que ficou dito a partir deste romance será um convite à sua leitura, dele extraindo incontáveis ofertas de teor descritivo e analítico. E cremos que também não admirará o facto de considerarmos que, em *As irmãs do Douro*, ficção e fruição de paisagens patrimoniais se conjugam, porquanto se reconheça como sendo um documento onde a Arquitetura, a História, a Geografia, a Fauna, a Flora e o enquadramento Antropológico do início de Oitocentos conjugam valores prospectivos na moldura das Paisagens Patrimoniais, sugestivo de outro tríptico, agora organizado pela caneta de Edward Quillinan: gente, geografia e património.

⁷⁰ PEREIRA, 2017: 5.

⁷¹ *Idem, ibidem*: 167.

⁷² Acreditamos que também em *As irmãs do Douro* o esforço ecrástico do seu autor tenha contribuído para que, recentemente, Álvaro Domingues escrevesse que «O Douro é uma terra com excesso de identidade. [...] Desde as gravuras e aquarelas dos ingleses [...] [o] Excesso de identidade resulta da abundância das narrativas e desta oscilação entre o genérico ou o postal», DOMINGUES, 2019: 47.

⁷³ TORRE, 2006: 10.

Finalmente, pela recuperação e registo destes apontamentos, ainda que ficcionais, também pretendemos oferecer a possibilidade de prevenir a salvaguarda do património, subscrevendo inteiramente as palavras de Lúcia Rosas ao declarar que «A tomada de consciência do valor patrimonial de monumentos, arquiteturas, paisagens antrópicas, objetos, natureza, etc. decorre sempre da eminência da sua perda»⁷⁴.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Miguel (1986) – *Edward Quillinan e Portugal*, Lisboa, FCSHUNL, Dissertação de Mestrado.
- ____ (1995) – *Home is where the heart is: a obra lusófila de Edward Quillinan (1791-1851)*. «Revista de Estudos Anglo-Portugueses», n.º 4, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- BARRETO, António (2014) – *Douro: Rio, Gente e Vinho*. Lisboa: Relógio D'Água, 2.ª ed.
- CLETO, Joel (2015 [2010]) – *Matosinhos*. In *Lendas do Porto*. Vila do Conde: Verso da História, 5.ª ed.
- DOMINGUES, Álvaro (2019) – *De que é que se fala quando se fala de paisagem?* In Gaspar Martins Pereira et alii, coord. – *Douro e Pico. Paisagens Culturais. Património Mundial*. Porto: FLUP/CITCEM.
- GIL, Júlio (1984) – *As mais belas Vilas e Aldeias de Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, Verbo.
- Leixões e Pedras Rubras* (s/d). In *Guia de Portugal, IV, Entre Douro e Minho*, Cap. I. Douro Litoral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOURENÇO, Eduardo (2009) – *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: Gradiva, 6.ª ed.
- «Monumentos» (1998), Revista, n.º 9, setembro.
- Os Carrancas e o seu Palácio* (1984). Porto: Museu Nacional Soares dos Reis, Comemorações dos 150 anos do Museu Nacional Soares dos Reis.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2017) – *Camilo, o Porto e o Douro*. Seide, Estudos Camilianos 11, Casa de Camilo.
- QUILLINAN, Edward (2006) – *As irmãs do Douro: uma história portuguesa*, [*The Sisters of the Douro* (18--)], TORRE, Manuel G., PAIS, Jorge (trads.), Porto: Campo das Letras.
- ROSAS, Lúcia (2018) – *Património Vernacular do Alto Douro Vinhateiro. Valores, Usos e Transformação*. In *Douro Interior / Exterior: Arte e Imagem*. Atas das 5.ªs Conferências do Museu de Lamego, Porto: FLUP/CITCEM.
- TORRE, M. Gomes (2006) – *Introdução*. In TORRE, Manuel G.; PAIS, Jorge (trads.) – *As irmãs do Douro: uma história portuguesa*, [*The Sisters of the Douro* (18--)], Porto, Campo das Letras.
- Infografia da FLUP, Cartografia de Miguel Nogueira, Porto, 2020.

⁷⁴ ROSAS, 2018: 16.